



**COMPLEXIDADE ENUNCIATIVA EM *MEMÓRIAS DA EMÍLIA*:
FORMAS DE REPRESENTAÇÃO DO DISCURSO-OUTRO**

**ENUNCIATIVE COMPLEXITY IN *MEMÓRIAS DA EMÍLIA*:
REPRESENTATION FORMS OF THE DISCOURSE OF THE OTHER**

ALINE SUELEN SANTOS¹
LOURENÇO CHACON²

Resumo: Este artigo analisa um recorte da complexidade enunciativa da narrativa *Memórias da Emília* (1939 [1969]). Essa análise tem como objetivo descrever em que planos dessa complexidade deslocamentos do locutor-narrador são representados no material analisado. Para tanto, como referencial teórico-metodológico, foram utilizados os estudos sobre a heterogeneidade mostrada, de Authier-Revuz (1998, 2004), e os estudos sobre o paradigma indiciário, de Ginzburg (1991). Os resultados expuseram uma complexidade enunciativa constitutiva da organização do dizer, sob a forma de uma complexa justaposição de enunciações em que o locutor, atribuído à figura de narrador, simula relações dialógicas construídas como enunciadas por diferentes interlocutores nessas relações. Essa complexidade indicia planos de enunciação que marcam uma heterogeneidade de formas de inscrição do outro no (fio do) discurso, que não se enunciam numa transparência do dizer, dada a dialogia que constitui esses planos. Essas diferentes formas sugerem, pois, que se narra por uma justaposição de planos enunciativos.

Palavras-chave: Complexidade enunciativa, heterogeneidade mostrada, *Memórias da Emília*.

Abstract: This paper analyzes a cutout of the enunciative complexity from the narrative “*Memórias da Emília*” (1939 [1969]). This analysis describes in which of this complexity’s domains the speaker-narrator’s shifts are represented in the analyzed material. To do that, we used, as theoretical-methodological reference, the studies on shown heterogeneity from Authier-Revuz (1998, 2004), and on the indiciary method from Ginzburg (1991). The results have presented an enunciative complexity constitutive of the speech organization, under the form of a complex overlap of enunciations in which the speaker, attributed to the role of narrator, simulates dialogical relations built as enunciated by different interlocutors in these relations. This complexity signals enunciation domains which highlight an array of ways to insert the other in the discourse (thread), which do not enunciate in transparent speech, given the dialogism which constitutes such domains. Therefore, these different forms suggest that narration happens in an overlap of enunciative domains.

Keywords: Enunciative complexity, shown heterogeneity, *Memórias da Emília*.

¹ Universidade Federal do Acre, (UFAC), Rio Branco, AC, Brasil. aline.santos@ufac.br
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2621-4256>

² Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, (UNESP), Marília / São José do Rio Preto SP, Brasil.
lourencochacon@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8000-7672>

1. INTRODUÇÃO

Emília pensou, pensou, e por fim disse: (...). (LOBATO, 1939 [1969], p.7).

É na e pela linguagem que o homem (se) narra, diz, enuncia. Esse ato de simbolizar pela linguagem, analogia ao pensar da personagem Emília na epígrafe de abertura do presente artigo, já aponta para a dialogia interna constitutiva da enunciação. Na construção (mostrada) dessa dialogia, o *um* se instaura e se mostra prontamente marcado – por uma reflexividade metaenunciativa, ou seja, por um jogo de enunciação sob enunciação –, no (fio do) discurso. A exemplo de Emília, que *pensa, pensa*, para dizer, analisaremos neste artigo³ um recorte da complexidade enunciativa da narrativa *Memórias da Emília* (1939 [1969]), de Monteiro Lobato. Orientando essa análise, temos como objetivo descrever em que planos dessa complexidade deslocamentos do locutor-narrador são representados na narrativa em questão. Para desenvolvê-lo, recuperaremos, especialmente, Authier-Revuz (2004), para quem:

Todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos “outros discursos” e pelo “discurso do Outro”. O *outro* não é um *objeto* (exterior, *do qual* se fala), mas uma *condição* (constitutiva, *para* que se fale) do discurso de um sujeito falante que não é fonte-primeira desse discurso. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 69 – destaques da autora).

Nessa constituição dos outros discursos que atravessam todo discurso, são as *formas explícitas da heterogeneidade* que serão, então, tomadas como ponto de partida para a descrição desses planos enunciativos, por meio dos quais se mostra construída, na narrativa, sua complexidade enunciativa.

Especificando, para a descrição desses planos, nos basearemos na construção que essa autora faz das formas de *Representação de um Discurso-Outro* (RDO)⁴, bem como no esquema do ato de enunciação que ela propõe (AUTHIER-REVUZ, 1998, 2004) e que serão especificados no traçado teórico-metodológico deste artigo. Antecipamos que as descrições dos planos serão feitas a partir do modo como a narrativa apresenta as vozes que narram a trama, ou seja, a partir de um locutor (na posição de narrador) que organiza o jogo de enunciação em função de tipos de alternância enunciativa que se mostram ao longo da narrativa.

2. TRAÇADO TEÓRICO-METODOLÓGICO: (RE)NARRANDO A QUESTÃO

A abordagem teórico-metodológica do presente artigo se ancora na descrição que Authier-Revuz (1990, 1998 e 2004) faz das formas de heterogeneidade mostrada e em aspectos da reflexão que Ginzburg (1989 e 1991) faz do que denomina como paradigma indiciário. De Authier-Revuz, constituem o interesse para a descrição dos dados especialmente as formas de *Representação do discurso outro*⁵ – as quais inscrevem esse outro numa dada materialidade linguística dos planos

³ Este artigo se configura como um recorte, adaptado, do capítulo analítico da tese de doutorado *Heterogeneidade mostrada e dialogia com o já falado/escrito em Memórias da Emília*, defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), *campus* São José do Rio Preto, em 2019.

⁴ Descreveremos, adiante, cada uma dessas formas. Para uma compreensão mais aprofundada de seu funcionamento, remetemos o leitor ao livro *Palavras incertas: as não coincidências do dizer*, da autora, no qual ela faz uma detalhada descrição da inscrição do outro no (fio do) discurso.

⁵ É importante frisar que as formas de *Representação do discurso-outro* (RDO) são pensadas por Authier-Revuz (1998) a partir do que a autora considera como insuficiente nas discussões que envolvem o campo do discurso relatado

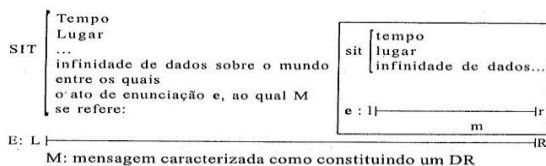
enunciativos suscitados/mobilizados num ato de enunciação. Para a autora é “No fio do discurso que, real e materialmente, um locutor *único* produz [...] um certo número de formas, linguisticamente detectáveis no nível da frase ou do discurso, [as quais] inscrevem, em sua linearidade, o *outro*.” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 12 – destaque da autora). No entanto, é importante frisar que não se trata de partir da teoria para buscar o dado e, assim, validá-la no material de análise; com efeito, um procedimento como esse contrariaria o próprio princípio da não-transparência da linguagem/do dizer aludido pela autora. Dito de outro modo, não se trata de transpor a teoria para a explicação de um dado de linguagem, já que estaríamos tomando como transparente esse dado. Essencialmente porque um dado de linguagem, constituído numa dimensão opaca do dizer, mostra-se como dado por meio da recuperação da complexidade enunciativa que o constituiu e que o inscreveu na materialidade da língua. Assim, não teria como se prever, de antemão, o(s) tipo(s) de inscrição do discurso outro que será(ão) mostrado(s) nesse dado sem antes nos debruçarmos sobre ele, ou seja, sem antes, ao confrontá-lo, buscarmos pistas linguísticas de sua inscrição no (fio do) discurso. Trata-se, pois, da recuperação de pistas linguísticas que o mostrem como um dado relevante de análise, já que nos levam a possibilidades de leitura da complexidade do (de um) dizer em que/do qual ele se mostra como um dado. Para essa recuperação, recorreremos, pois, ao paradigma indiciário (GINZBURG, 1991), na medida que esse paradigma se constitui pela busca de rastros/pistas, recuperados na materialidade da língua, que podem se mostrar como *zonas privilegiadas* de uma opaca realidade passível de decifração. Na defesa das pistas, que constituem a construção do paradigma indiciário, Ginzburg (1989) argumenta que a história é construída por rastros passíveis de identificação e de interpretação. O autor defende essa posição assumindo metáforas de fábulas que narram a história do homem para acentuar que, nessas histórias, tem-se a trajetória do homem marcada pela imagem de um caçador, ou seja, pela imagem daquele que segue os rastros em busca da caça/sobrevivência. Segundo o autor,

Por milênios o homem foi caçador. Durante inúmeras perseguições, ele aprendeu a reconstruir as formas e movimentos das presas invisíveis pelas pegadas na lama, ramos quebrados, bolotas de esterco, tufo de pêlos, plumas emaranhadas, odores estagnados. Aprendeu a farejar, registrar, interpretar e classificar pistas infinitesimais como fios de barba. Aprendeu a fazer operações mentais complexas com rapidez fulminante, no interior de um denso bosque ou numa clareira cheia de ciladas. (GINZBURG, p 151, 1989)

Em suma, perseguiremos os rastros da enunciação de um dito a partir de seu funcionamento enunciativo. Sobre esse funcionamento, de modo geral, ele remete a: um ato de enunciação (E), definido por um par de interlocutores, locutor (L) e interlocutor (R); uma situação (SIT), com seu tempo, seu lugar e (entre a infinidade de dados referenciais) um acontecimento particular representado por um outro ato de enunciação (e) que é objeto da mensagem (M) de (E). Esse outro ato de enunciação (e) é marcado por um funcionamento em que ele mesmo é definido por um par de interlocutores (l)/(r), uma situação (sit) com um funcionamento próprio, mas que deriva do campo de enunciação do ato que está acontecendo (AUTHIER-REVUZ, 1998). A título de ilustração desse sistema de notação, expomos o esquema proposto pela autora:

nas gramáticas tradicionais. Para a autora, esse campo é limitadamente caracterizado nessas gramáticas enquanto três formas de discursos: o direto; o indireto; e o indireto livre. Acrescente-se, ainda, que, em tais gramáticas, essas três formas são apresentadas como numa espécie de progressão – à qual ela se oporá nas discussões e na proposta que fará sobre o discurso relatado.

Imagem 1. Ato de enunciação



Fonte: AUTHIER-REVUZ, 1998, p.146)

Debruçando-nos sobre a materialidade linguística, buscaremos, pois, descrever o modo como a relação eu/outro se mostra representada (e recuperável) no material que analisaremos. Mesmo porque, reinterpretando Ginzburg (1991), se existe uma materialidade da linguagem, alguém *passou por lá*. Significa que há *lá* indícios de um locutor nessa/dessa materialidade. Locutor que tomamos discursivamente e que, portanto, deixa marcas linguísticas e sócio-históricas dessa sua *passagem*.

Na narrativa como um todo, a alternância enunciativa é organizada por um locutor (na posição de narrador) sob forma de três grandes jogos enunciativos: i. a dele mesmo projetando-se como locutor (L); ii. a do narrador projetando Visconde como locutor (lv); iii. a do narrador projetando Emília (ora ditando ora escrevendo) como locutor (le). Neste artigo, porém, dadas suas limitações enquanto gênero acadêmico, analisaremos somente o primeiro desses três jogos enunciativos, referente à posição do narrador enquanto locutor, à qual remeteremos pela abreviação (LN) – locutor narrador. Dada a complexidade que detectamos nesse primeiro jogo em *Memórias da Emília*⁶, faremos a análise de apenas um enunciado, cujas características apresentaremos mais adiante.

A fim de analisarmos a complexidade enunciativa desse enunciado, recorreremos, como já mencionado, às formas que inscrevem o outro no (fio do) discurso. Para tanto, apresentaremos os planos enunciativos que recuperaremos na linearidade da cadeia discursiva. Essa recuperação será feita por meio de índices deixados pelo locutor no enunciado, na medida em que, quando nele se inscreve, deixa marcados *pontos de heterogeneidade* (sobretudo nas remissões a outros dizeres e ao próprio texto), o que se configura como negociações de sentido do locutor com o (seu) dizer. Realizaremos os seguintes passos:

- i. apresentaremos o enunciado concreto, seguido de um esquema que sintetiza a complexidade de sua constituição;
- ii. descreveremos o plano de organização do enunciado, com atenção aos atos de enunciação (E)/(e) ali indicados;
- iii. identificaremos as formas de inscrição do *outro* marcadas no fio do discurso.

Relembremos que a complexidade enunciativa a ser apresentada no esquema corresponde às formas de inscrição do outro no discurso. Caracterizadas como (i) *formas marcadas*, (ii) *formas marcadas que exigem trabalho interpretativo* e (iii) *formas puramente interpretativas*, cada uma delas descreve um plano do dizer:

- i. nas formas marcadas ou unívocas, têm-se as de *discurso relatado* (DR) – discurso direto (DD) e discurso indireto (DI) – e de *modalização em discurso segundo* (MDS);

⁶ Para o leitor interessado em maiores especificações da complexidade do que chamamos de primeiro jogo enunciativo, conferir Santos (2019).

- ii. nas formas marcadas que exigem trabalho interpretativo, têm-se os sinais tipográficos ou entoativos que sinalizam a *modalização autonímica* (MA);
- iii. nas formas puramente interpretativas, têm-se as de *discurso direto livre* (DDL), *discurso indireto livre* (DIL), *citações escondidas*, *alusões* e *reminiscências*.

Ressalte-se que a seleção do enunciado que analisaremos teve como critério o fato de ele explicitamente mostrar, no fio do discurso, uma remissão à escrita de memórias – aspecto central da construção de *Memórias da Emília*.

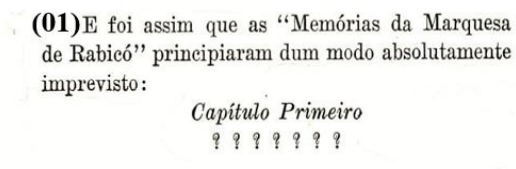
Em síntese, o traçado metodológico da análise apoia-se numa perspectiva linguístico-discursiva da enunciação que se articula ao paradigma indiciário para responder ao objetivo proposto neste artigo. São as formas de *heterogeneidade mostrada* (AUTHIER-REVUZ, 2004) que direcionam a descrição dos planos enunciativos por meio das formas de *Representação de um Discurso-Outro* (RDO) marcadas na superfície do enunciado.

3. PLANOS DE ENUNCIÇÃO: RELAÇÃO EU/OUTRO EM MEMÓRIAS DA EMÍLIA

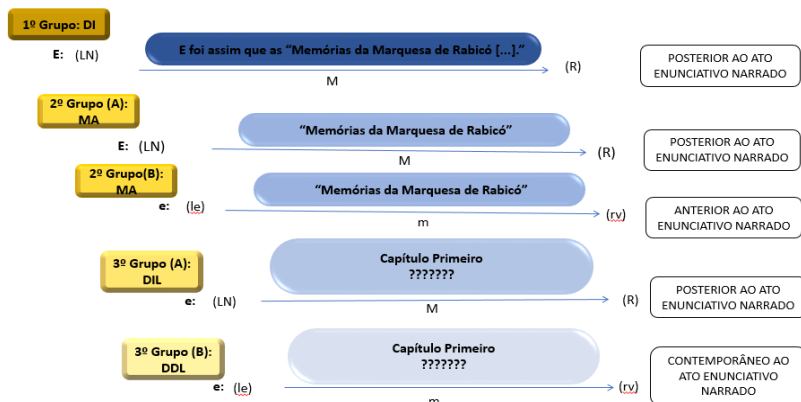
Uma vez que “[...] todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos ‘outros discursos’ e pelo ‘discurso do Outro’.” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 69), retomaremos aqui as *formas explícitas da heterogeneidade* como ponto de partida para a descrição dos planos enunciativos com os quais se mostra representada a complexidade do enunciado selecionado para análise.

Obedecendo ao **primeiro passo de análise** acima exposto, apresentaremos o enunciado que vamos analisar e, em seguida, o esquema de sua complexidade – recuperada por meio de como o narrador, conforme antecipamos, se mostra (nele) representado como locutor (LN):

Imagem 2. Apresentação do enunciado



Fonte: LOBATO, (1969 [1936], p. 7).



Legenda: Grupo – corresponde à forma de inscrição do outro, forma que pode ser mostrada por locutores diferentes, o que chamaremos de Grupo (A) e de Grupo (B); DI – discurso indireto; MA – modalização autonímica; DIL – discurso indireto livre; DDL – discurso direto livre; (LN) – locutor narrador; (le) – locutor Emília; (R) – interlocutor; (rv) – interlocutor Visconde; (M)/(m) – mensagem (marca linguística).

Feita essa apresentação, sintetizada no esquema acima, passemos ao **segundo passo da análise**, em que descreveremos a organização do enunciado, com atenção aos atos de enunciação (E)/(e) ali indicados. O ato enunciativo (E), que remete ao enunciado (01), recupera, a partir das formas linguísticas, atos de enunciações anteriores, marcados temporalmente no presente dessa enunciação. A própria expressão oracional, e, nela, o advérbio – “E foi **assim** [grifo nosso] que as 'Memórias da Marquesa de Rabicó' [...]” – marcam essa remissão a outros atos enunciativos (e) inscritos na mensagem (M) de (E). Essa mensagem é mostrada por um (LN), locutor narrador, que, ao se colocar como tradutor da (m) de um outro (e), organiza-a por meio de uma maneira de dizer o “dito” nesse outro (e), ao mesmo tempo em que narra esse dizer. Nessa tradução, (LN) mostra, ainda, outro locutor, a saber, o locutor desse (e), como porta-voz de acontecimentos. No ato de narrar que constitui o enunciado em análise, detecta-se a apropriação de um dizer em/por outro dizer, ou seja, uma enunciação sob a enunciação. Nela, detecta-se uma simulação: a de (LN) ter presenciado enunciações que posteriormente vai contar. Ao se interpretar o que o (LN) faz quando narra o dizer de um outro locutor, mostra-se o que Authier-Revuz (2004) chama de formas metaenunciativas, ou seja, formas de auto-representação do/desse dizer.

De modo geral, na descrição do plano enunciativo que inscreve (E) no enunciado (01), a não marcação na escrita de um par dialógico que simulasse o diálogo em que figura o que é dito em (e) inscreve o (E) nas formas (marcadas) de representação de um dizer, de *Representação de um Discurso-Outro* (RDO). Antes de retomarmos essas formas indicadas no (E), exploraremos possibilidades de leitura de como esse (E) foi organizado ao irromper no (*fio do*) discurso. Trata-se de um (E) que se mostra como produzido por (LN), narrador das *Memórias da Emília*, que simula ter observado um ato enunciativo (e), a saber, o da escrita de *Memórias da Marquesa de Rabicó*. Em outras palavras, trata-se de uma escrita de outra escrita na qual, na tradução da (m) produzida nesse (e), o (LN) se mostra colocado como observador da produção de (m), já que faz uso e menção do “*modo absolutamente imprevisto*” – como ele mesmo enuncia – de como se deu o início da escrita das *Memórias da Marquesa de Rabicó*, supostamente produzida nesse outro (e). Assim, (LN) mostra ao seu (R) imaginado, por meio de recursos gráfico-espaciais, como se

deu esse “*modo absolutamente imprevisto*”, a saber, reescrevendo-o/traduzindo-o conforme o enunciado (e):

Capítulo Primeiro

??????

Como se vê, essa pista de uma escrita de outra escrita que exemplifica o modo como principiou a narrativa *Memórias da Marquesa de Rabicó* – narrativa sob responsabilidade de (le) e (lv) – no interior da narrativa *Memórias da Emília* – narrativa de responsabilidade do (LN) – ilustra a complexidade enunciativa que estamos a demonstrar. Com efeito, trata-se de uma justaposição de planos enunciativos, na medida em que (LN), ao não marcar uma mudança de planos, por exemplo, por meio de um sintagma introdutor, deixa entrever outro (e), que teria como interlocutores (le) e (rv), Emília e Visconde, responsáveis pela produção desse (e). É como se, ao se apagar como locutor, (LN) inscrevesse nesse outro (e), cuja produção supostamente estava a observar, o momento em que essa enunciação teria acontecido. Tal leitura se mostra possível se recuperarmos enunciados que antecedem o enunciado em análise:

O Visconde escreveu:

MEMÓRIAS DA MARQUESA DE RABICÓ

- Agora escreva: Capítulo Primeiro.

O Visconde escreveu e ficou à espera do resto.

Emília, de testinha franzida, não sabia como começar.

Isso de começar não é fácil. Muito mais simples é acabar. Pinga-se um ponto final e pronto; ou então escreve-se um latinzinho: FINIS. Mas começar é terrível. Emília pensou, pensou, e por fim disse:

- Bote um ponto de interrogação; ou, antes, bote vários pontos de interrogação. Bote seis...

O Visconde abriu a bôca.

- Vamos, Visconde. Bote aí seis pontos de interrogação – insistiu a boneca. – Não vê que estou indecisa, interrogando-me a mim mesma? (LOBATO, 1969 [1936], p. 7).

Não é nossa intenção analisar esse grupo de enunciados, mas, especialmente, observar como Emília e Visconde se colocam como interlocutores na produção desses enunciados. Nessa produção, cuja descrição supõe a presença de (LN) na cena enunciativa, (le), Emília, dita para (rv), Visconde, o que ele deveria escrever – pistas que marcam essa interlocução, por exemplo, são o imperativo *Bote* seguido do índice de lugar *aí*, em remissão à escrita. Recuperamos essas pistas para interpretar “o modo absolutamente imprevisto” com que a escrita de *Memórias da Marquesa de Rabicó* se inicia, na tradução que (LN) faz dessa cena enquanto narrador das *Memórias da Emília*. É essa sequência (tida, por nós, como um conjunto de pistas) que permite interpretar tal “*modo absolutamente imprevisto*” como uma tradução que (LN) faz da (m) escrita por (rv), Visconde, em outro (e), ou seja, como uma simulação de como supostamente o Visconde teria escrito o que Emília lhe teria ditado. Mas, como se trata de um fragmento envolvido por aspas, ele pode significar também uma menção ao momento de enunciação dessa (m) na justaposição desses diferentes planos enunciativos – como mostraremos adiante, quando tratarmos dos grupos de formas de inscrição do outro no (fio do) discurso.

Ainda em relação a essa organização do dizer de (LN) sobre (e), ao remeter ao modo como as “[...] ‘*Memórias da Marquesa de Rabicó*’ *principiaram* [...]” – na interpretação que (LN) faz desse início de construção textual de (le) em outro ato enunciativo (e) para começar suas memórias, ou seja, um “*modo absolutamente imprevisto*”, conforme suas (de LN) palavras –, (LN) reforça um papel de leitor supostamente instituído, uma vez que a sequência lexical *absolutamente imprevisto* o posiciona como conhecedor de um padrão (modelar, institucional) de como iniciar uma narrativa de memórias. Expõe-se, assim, uma negociação do *sentido do discurso*

consigo mesmo, que mostra uma não-coincidência do dizer entre (LN), enquanto locutor narrador, e (le), Emília, a respeito do que cada um entenderia/propria como um início de escrita narrativa de memórias.

Encerradas nossas considerações sobre os planos de organização do enunciado sobre o qual nos debruçamos, passemos ao **terceiro passo de análise**, no qual, conforme antecipado, identificaremos as formas de inscrição do *outro* marcadas no fio do discurso.

As formas inscritas em (E) situam-se em três grupos de representação do discurso *outro* propostos por Authier-Revuz (2004): (i) *formas marcadas ou unívocas*; (ii) *formas marcadas que exigem trabalho interpretativo*; e (iii) *formas puramente interpretativas*.

Com atenção ao grupo das *formas marcadas ou unívocas*, a enunciação que irrompe na enunciação de (LN) – relembrando-a: a tradução que (LN) faz do diálogo que supostamente presenciou entre (le), Emília, e (rv), Visconde –, se mostra como construída a partir da forma marcada de discurso indireto (DI). Não só a ausência de pontuação, como, por exemplo, marca de travessão (e não estamos aqui a afirmar que uma escrita que não apresente tal marca não possa indicar um diálogo com funcionamento em discurso direto livre), deflagra essa forma de representação do discurso. Elementos da própria formulação do dizer que se pode atribuir a (LN) – toma-se como exemplo a expressão oracional “*foi assim*” – (re)narram em (E), a partir da presentificação de um marco temporal no passado – o advérbio *assim* sugere essa presentificação da enunciação (e) no aqui/agora da enunciação (E) – acontecimentos anteriores a esse ato enunciativo de (LN). A enunciação (E) de (LN) mostra, em outras palavras, uma tradução/interpretação de outros (e) ocorridos anteriormente à enunciação de (LN) por meio da forma discurso indireto (DI), já que (LN) (que também é representação) assume a organização do dizer. Nessa forma do discurso, ao se mostrar como tradutor, com “suas” palavras, (LN) “[...] remete a um *outro* como fonte do ‘sentido’ dos propósitos que ele relata” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 12), ou seja, reformula a (m) produzida em outra (e). Em outras palavras, ao mencionar o modo como se iniciou a escrita das Memórias da Marquesa de Rabicó – “*E foi assim que as ‘Memórias da Marquesa de Rabicó’ principiaram dum modo absolutamente imprevisto [...]*” – (LN) remete à interlocução entre (le), Emília, e (rv), Visconde, interlocução que ocorre anteriormente ao momento de narração em que (LN) enuncia, diferença de temporalidade indiciada pela expressão “*E foi assim*”.

Nesse mesmo plano de enunciação, um segundo grupo de representação do discurso *outro* se inscreve. Recuperável na cadeia do (E), formas marcadas como aspas e entonação de modalização autonímica mostram a referenciação de (LN) a um *outro* discurso – o das “*Memórias da Marquesa de Rabicó*”. Trata-se, como se pode observar, de formas marcadas que exigem trabalho interpretativo. Essas formas colocam em justaposição dois atos enunciativos. No primeiro, a menção de (LN) à escrita “*Memórias da Marquesa de Rabicó*” alude a um ato enunciação (e) que diferencia essa escrita da (“sua”) escrita de *Memórias da Emília*. Mostram-se, assim, diferentes eventos de escrita justapostos no plano ficcional da narrativa. Já no segundo, também o (LN), na modalização autonímica, acaba por mostrar uma escrita produzida nesse *outro* ato de enunciação (e), advinda da interlocução entre (le) – Emília – e (rv) – Visconde –, num momento anterior ao da enunciação de (LN). As *aspas* e a *entonação de modalização autonímica* funcionam como índices de marcação dessas possibilidades de leitura da modalização, que referencia mensagens (m) produzidas por Emília e Visconde em outra situação enunciativa. Essa entonação ainda é reforçada pelo uso do artigo definido “*as*” – “*E foi assim que as ‘Memórias da Marquesa de Rabicó’*” –, que identifica uma determinada escrita, e não qualquer uma, a do gênero *memórias*, escrita supostamente empreendida, na narração de (LN), por Emília em conjunto com Visconde. A autonímia representada pelo sintagma nominal se inscreve, pois, como uma menção de (LN) à escrita que ele imagina realizada por *outro* locutor (l) em *outro* ato de enunciação (e).

Além das formas marcadas unívocas e das formas que exigem trabalho interpretativo, detecta-se, ainda, no enunciado (01), um terceiro grupo de representação do discurso outro. Nesse enunciado, ele vem exemplificado pelo discurso indireto livre (DIL) e pelo discurso direto livre (DDL). Relembre-se que tais formas dependem da situação discursiva que caracteriza seu funcionamento. Assim, no enunciado (01), em:

Capítulo Primeiro

???????

se se toma a narração sobre o “*modo absolutamente imprevisto*” atribuído por (LN) à escrita de (rv) do que lhe foi ditado por (le), (LN), na tentativa de traduzir o modo de escrita de (rv), acaba se deslocando para outro plano de enunciação, em que se coloca como locutor (enquanto escrevente) desse dizer, mostrando a (R) sua interpretação de como tal dizer teria sido construído no modo de enunciar escrito. O funcionamento desse plano sugere um DIL, uma vez que (LN), como aquele que enuncia pela escrita, não introduz nenhum dêitico que marque a mudança de enunciação, mas simula mostrar a forma como a narrativa teria principiado ao assumir o modo de enunciar de um outro interlocutor – no caso, Visconde –, suposto escrevente desse dito em outro ato de enunciação (e). No entanto, essa mesma marca

Capítulo Primeiro

???????

também sugere um discurso direto livre (DDL). Com efeito, é como se (LN), ao narrar a mensagem desse outro (e), simulasse, no (fio do) discurso, o momento de enunciação do qual é narrador, como se mostrasse o ato de enunciação (e), sem marcação de um introdutor, durante o momento em que ele ocorre. Os dêiticos de pessoa, de tempo e de lugar ficam sugeridos nesse enunciado, que remete a Visconde escrevendo o dizer ditado por Emília.

Em síntese, nos três grupos em destaque, (LN), enquanto narrador das *Memórias da Emília* (ao se mostrar como tradutor da (m) de um (e) construído como anterior ao marco temporal do momento narrado), instaura, no (fio do) discurso, diferentes formas de representação que colocam em relação dialógica diferentes planos de enunciação.

Em suma, na complexidade enunciativa analisada, supostamente organizada por (LN), o narrador das *Memórias da Emília* simula relações dialógicas projetadas em diferentes planos de enunciações. Os planos, nessa complexidade enunciativa, não assumem posições estanques; mostram, antes, construções de enunciações sob enunciações. Nesses planos, (i) *formas marcadas*, (ii) *formas marcadas que exigem trabalho interpretativo* e (iii) *formas puramente interpretativas* se imbricam numa complexidade enunciativa, que se recupera por meio do resgate de diferentes eventos de enunciação produzidos (enquanto construção enunciativa) por diferentes interlocutores. Dito de outro modo, essas formas de inscrição do outro assumem representações diferentes a depender de quem é o locutor.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação ao objetivo proposto neste artigo – lembrando-o: descrever em que planos da complexidade enunciativa deslocamentos do locutor-narrador são representados na narrativa *Memórias da Emília* –, tal complexidade é mostrada pela *língua como ordem própria, mas sem desconsiderar o discurso* (AUTHIER-REVUZ, 2004). Isso porque a complexidade se detecta no

fio do discurso por meio de formas mostradas da língua que atribuem ao outro (em nossa análise, (lv) e (le) enquanto interlocutores de discursos outros) um lugar linguisticamente descritível, embora construído como exterior ao dizer do locutor – em nossa análise, (LN). São as formas de representação do discurso inscritas no enunciado elencado que mostram essa relação eu/outro, ou seja, (LN)/(le) e (lv), no (fio do) discurso. Inscrita como justaposição de planos enunciativos, essa complexidade permitiu entrever, na organização do enunciado analisado, formas diversas de representação do discurso outro. No entanto, essas diferentes formas, embora tratadas separadamente na análise, se mostram simultaneamente na enunciação, numa heterogeneidade mostrada pelas:

- i. formas unívocas, especificamente na de discurso indireto indiciada em ato de enunciação organizado por (LN), enquanto narrador das *Memórias da Emília*;
- ii. formas marcadas que exigem trabalho interpretativo, com as aspas e a modalização autonímica indiciando a complexidade enunciativa. Nela, (LN) usa/menciona o modo autônomo e mostra mensagens produzidas em outros atos de enunciação, conforme supostamente ditas pelos locutores desses atos;
- iii. formas puramente interpretativas, especificamente as de DIL e DDL, indiciadas na complexidade enunciativa. Tais formas projetam um modo de narrar que marca uma distância enunciativa entre os modos como (LN) e os outros locutores – locutor Emília (le) e locutor Visconde (lv) –, narram.

De modo geral, o que se percebe é que, na complexidade enunciativa, diferentes planos constituem, de modo justaposto, o dizer. A esse respeito, a complexidade do enunciado analisado permite confirmar que:

- i. não se enuncia fora de planos;
- ii. aquele que enuncia se narra e se mostra narrado a partir da circulação dialógica entre um já-dito e um dizer;
- iii. esses modos de dizer, indiciados por meio de formas mostradas de inscrição do outro, assumem representações diferentes a depender de quem é o locutor. O que se está a dizer é que um mesmo enunciado, visto a partir da enunciação, pode assumir diferentes configurações de inscrição do outro;
- iv. as classificações das formas não são rígidas, nem encerram um dito numa única forma.

Desse modo, os dados apontam para uma heterogeneidade das formas de como o locutor se mostra representado e representa seu interlocutor, ou seja, apontam para a complexidade enunciativa constitutiva da organização do dizer.

Na identificação dos planos, a relação eu/outro é indiciada por uma complexidade enunciativa que se mostra como organizada por (LN), o narrador, que simula relações dialógicas construídas como enunciadas por diferentes interlocutores nessas relações –especialmente (lv) e (le).

Essas representações indiciam, ainda, planos de enunciação que marcam uma heterogeneidade de formas que não se mostram numa transparência do dizer, dada a dialogia interna à justaposição desses planos. Dito de outro modo, trata-se, a todo momento, de enunciação sob enunciação.

O que se observa, portanto, é que a escrita de *Memórias da Emília* é elaborada num jogo complexo de enunciação em que o locutor, atribuído à figura de narrador, se mostra construído segundo vozes enunciativas diferentes, como se as memórias tivessem mais de um narrador, ao

mesmo tempo em que uma única voz parece simular esse jogo, questão não investigada, mas que fica como possível desdobramento em torno do foco narrativo, da simulação na simulação do dizer. A investigação do foco narrativo a partir de formas de dizer problematizaria, ainda, a própria complexidade que envolve a definição atribuída ao gênero a que pertenceria *Memórias da Emília*, uma vez que ela parece diluir as classificações rígidas de pertencimento a determinado gênero, por mostrar/antecipar uma relação heterogênea na sua (própria) formulação. Em outras palavras, essa investigação poderia lançar ainda mais luz à ideia de uma constituição (já de saída) heterogênea – e não híbrida – para qualquer tipo de gênero.

Por fim, é o (re)narrar o ponto de partida das formas. Com efeito, quando se enuncia não se o faz em um único plano enunciativo, mas em vários, organizados como formas explícitas de dizer em que o marco temporal se instancia entre o dito e o dizer. É o caráter movente da escrita que possibilita esse (re)narrar e suas diferentes possibilidades de leitura e análise.

REFERÊNCIAS

- AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, v. 19, 1990. p. 25-42.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas: Unicamp, 1998.
- AUTHIER-REVUZ, J. *Entre a transparência e a opacidade – um estudo enunciativo do sentido*. Trad. Alda Scher e Elsa Maria Nitsche Ortiz. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2004.
- GINZBURG, C. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GINZBURG, C. “Chaves do mistério: Morelli, Freud e Sherlock Holmes”. In: ECO, U. de SEBEOK, T. A. (orgs.). *O signo de três: Dupin, Holmes, Peirce*. São Paulo: Perspectiva, 1991, p. 89-129.
- LOBATO, M. *Memórias da Emília*. 16 ed. São Paulo: Brasiliense, 1969 [1936].
- SANTOS, A. S. *Heterogeneidade mostrada e dialogia com o já falado/escrito em Memórias da Emília*. (Tese de doutorado). São Paulo: UNESP. 2019. In: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/181919>.

Recebido: 2/6/2020

Aceito: 11/1/2021

Publicado: 22/1/2021